



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura do 2º Congresso de Mulheres Metalúrgicas do ABC**

São Bernardo do Campo-SP, 25 de março de 2010

Despublicado em: 01/07/2010

Republicado em: 05/11/2010

Olhe, primeiro, meu companheiro, nobre presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,

Minha companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Companheira Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Política para as Mulheres,

Companheiro Devanir Ribeiro, deputado federal,

Companheiro Vicentinho, deputado federal,

Companheiro Marinho, prefeito de São Bernardo do Campo,

Companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Companheiro Meneguelli, presidente do Sesi,

Nossa querida companheira Simone Aparecida Vieira, coordenadora do Coletivo de Gêneros do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, por intermédio de quem cumprimento as mulheres metalúrgicas presentes,

Companheiro Abel, presidente da (incompreensível)

Companheiros deputados estaduais,

Companheiros prefeitos,

Eu vou ser muito rápido aqui, porque a Dilma está falando mais do que a mulher da cobra. Segundo, porque nós temos que ir a um jantar ainda, da comunidade árabe, e depois temos que dormir, ainda, em Ilhéus, na Bahia, porque amanhã temos atividade em Itabuna, inauguração de obras de um governo que trabalha *“del pueblo para el pueblo”*.

Bem, depois, eu quero, aqui, começar a fazer uma crítica, aqui, ao companheiro Meneguelli, ao companheiro Vicentinho, ao companheiro Giba, ao



companheiro Marinho, ao companheiro Feijóo... Doutor Maurício, são 32 anos para fazer o 2º Congresso. Imagina, Névia, você, que está aqui, nesses 32 anos, Névia, você deveria ter brigado para fazer os próximos congressos, Névia. Você também se acomodou aí e não reivindicou. Você deveria ter feito uma greve, aí, nos dentistas do Sindicato, chamado a atenção do Vicentinho, do Meneguelli e do Marinho, para que... Você veja um negócio: já em [19]78 predominava na minha cabeça a questão de gênero. E todos vocês não cuidaram da questão de gênero com nenhum carinho. Precisou vir o Nobre, um companheiro que também é preocupado com as mulheres, para fazer o 2º Congresso.

E eu vou te contar porque eles não fizeram tantos congressos: porque se eles tivessem feito o congresso em 80, 82, 84, 86, 88, 89, até agora, quem sabe só tivesse mulher na diretoria do Sindicato e tivesse pouco homem na diretoria do Sindicato. Então, na verdade, na verdade, o que está por detrás disso é o medo de perder o lugar para as mulheres. Não é o meu caso, que, antes de perder, já indiquei logo. Aí, ninguém pode dizer que eu perdi.

Bem, brincadeira à parte, eu queria alertar aos homens aqui que vocês começam a reunir um monte de mulher todo dia, vocês vão ver o que vai acontecer com vocês. Vocês vão ver, porque as mulheres estão ficando espertas, gente. As mulheres... E eu lembro que o Sindicato contribuiu muito para isso. Eu lembro que a participação política das mulheres contribuiu muito para isso.

Eu conto sempre uma história: eu me casei em 1974. E eu lembro que, naquele tempo, a relação do homem com a mulher era uma relação, na maioria das vezes, muito autoritária. Tinha papel definido para o homem e papel definido para a mulher. Essa é a verdade, viu, Dilma, da década de 70, embora você já tivesse sido presa para evitar que isso acontecesse. Mas a verdade é que, no meio metalúrgico, havia uma relação de predominância masculina no lar. A mulher... a mulher era tratada, muitas vezes, como objeto de cama e



mesa. A mulher tinha que lavar, a mulher tinha que passar, a mulher tinha que cuidar das crianças, a mulher tinha que trocar de roupa e ainda, quando o marido chegasse em casa tarde da noite, a mulher tinha que colocar comida para ele. Era essa a lógica da sociedade.

Você mesmo, Topo Gijo [Gigio], você sabe quantas vezes eu fui levar você na sua casa, cheio de cachaça, e a sua mulher tinha que lhe aturar. O Gijo é o exemplo de um homem que venceu na vida, porque ele, hoje, cuidou da mulher, cuidou dos filhos, e a melhor chuleta de São Bernardo do Campo, quem quiser comer, é só ir no bar do Gijo comer.

Eu estou contando essas coisas porque eu lembro o quanto o Sindicato foi importante na vida e na minha relação com a minha mulher. Porque foi aqui que ela começou a aprender as primeiras coisas e a ter consciência. Depois veio a CUT, depois veio o PT, depois veio uma série de coisas, até que um dia, eu cheguei em casa lá para as 10 horas da noite e falei: Marisa, e a comida? Ela falou: “Está lá no fogão, e só pegar”. Aí eu descobrir que o mundo estava mudando; e eu descobrir que o bicho estava pegando; descobri que as mulheres estavam com muito café no bule para tomar conta da casa. E essa coisa ficou muito explícita no Congresso de [19]78. Eu prometi para o Nobre, que eu vou ver se nas minhas coisas antigas eu tenho o resultado daquele Congresso. Eu pensei que tinha no Sindicato um arquivo, mas como nós sofremos muitas intervenções, possivelmente, não tenha. Mas é um dado concreto: vocês evoluíram muito. As mulheres conquistaram muita coisa. É importante vocês lembrarem que o voto no Brasil, conquistado pelas mulheres, foi da Constituição de [19]34. A primeira mulher a votar no Brasil não tinha direito a voto. Ela ganhou na Justiça, na cidade de Mossoró, para votar. A primeira vez, Maurício. Ela foi na Justiça e ganhou o direito de votar – só uma mulher votou. Então veja que não faz muito tempo que as mulheres começaram a conquistar espaço.

A pesquisa feita pelo Sindicato mostra um avanço extraordinário. Eu



estava lendo uma revista que mostra uma mulher que foi da comissão de fábrica, a Olga, se não me falha a memória, em 1991, acho que está aí a Olga. Mas é importante lembrar, Olga, que nós anos 70, você já estava na Volkswagen. É importante lembrar quantas e quantas brigas nós tivemos com uma chefe da linha de montagem, chamada Iara, que ela exigia – as mulheres estavam grávidas, tinham vontade de ir ao banheiro fazer xixi –, ela exigia que as mulheres fossem na mesa dela pegar uma placa, um número para poder ir, e as mulheres, com medo, não iam duas vezes. Às vezes muitas faziam xixi na roupa, trabalhando, para não pedir a segunda senha e não serem mandadas embora da Volkswagen em 1974, 73, 72, 75, até 1978. As coitadas das mulheres, se ficassem grávidas, era um martírio, porque as empresas não gostavam de contratar mulher casada, as empresas gostavam de contratar mulher solteira. E as mulheres... É verdade, porque as mulheres grávidas tinham... quanto tempo? Quatro semanas, não é? Quatro semanas antes e quatro semanas depois para a licença maternidade. Agora nós estamos reivindicando 180 dias. É preciso que, ao conquistar 180 dias, a gente não permita que a lei seja proibitiva para a mulher... para as empresas contratarem mulher, porque daqui a pouco o Grana coloca uma camisa dessas, vai ser contratado para substituir as mulheres nas fábricas deste país. É importante ficar alerta.

Esses dias – o Maurício, que é advogado importante sabe. Esses dias, Maurício, nós tentamos financiar caminhão, e tem uma lei que não permite que o caminhão seja dado como garantia, porque é um instrumento de trabalho. Ora, é correta a lei. Mas essa lei correta, não permitindo que o caminhão seja a garantia, não permite que essa pessoa tenha financiamento. Então, ele não vai nunca comprar um outro caminhão, porque não tem como dar garantia.

Então, é importante, companheiros do movimento sindical e companheiras mulheres, que, ao ser aprovado os 180 dias, vocês tenham em conta de que é preciso criar outros mecanismos que não permitam que se



utilize subterfúgios para não contratar as mulheres para trabalhar nas fábricas. E, sobretudo, prestem atenção na questão da empregada doméstica. Prestem atenção, que é preciso que a aprovação dos 180 dias venha acompanhada de um mecanismo de proteção, senão aquilo que a gente pensa que é uma ajuda pode atrapalhar.

Depois, se o Nobre for a Brasília, eu vou conversar mais detalhes com ele, para ele discutir com vocês essas coisas. Porque, às vezes, a gente manda para o Congresso Nacional um Projeto de Lei que parece um pônezinho, um pônei, um cavalo bonito, e quando sai de lá, sai um camelo, todo deformado, e aí prejudica muitas pessoas. É importante, então... É bom que o Devanir e o Vicentinho estejam aqui, como deputados, para saber que é preciso olhar o conjunto da obra, porque senão a gente pode ser prejudicado.

Eu lembro que quando foi estendida a aposentadoria para o trabalhador rural, vocês estão lembrados que milhares de fazendeiros que tinham pessoas que moravam dentro da sua propriedade, que tinha casa, que criava galinha, que criava o seu porquinho, foram tudo mandado embora, tudo. E ainda derrubaram as casas para as pessoas não entrarem na Justiça e não ganharem benfeitorias que tinham feito. Então, é apenas um alerta para vocês.

E a última coisa para poder ir embora, porque a Dona Marisa está me esperando, e a Dona Marisa com esse negócio das mulheres ganharem muita liberdade e muita autonomia, virou mais brava, Maurício. “Coitado do Lula”, sabe, “coitadinho do Lula”. Então, eu... eu queria dizer para vocês o seguinte: olhe, esse Congresso, eu acho que ele pode marcar uma nova trajetória na vida das mulheres deste sindicato. Vocês já foram 26% da categoria nos anos 80. Hoje, são 14%. Hoje, são 14%. Está certo que a categoria, também diminuiu, mas uma coisa que eu acho gratificante é que hoje... eu tenho andado muito, e tenho... a Dilma tem ido comigo e eu tenho mostrado para a Dilma... eu tenho ido, por exemplo, na construção da hidrelétrica do Rio Madeira: aqueles caminhões grandes, aqueles caminhões que carregam não



sei quantas mil toneladas, os motoristas deles hoje são mulheres, não são homens não. Guindastes enormes, que antes só trabalhavam homens, hoje trabalham mulheres. E a quantidade, Feijóo, de mulheres soldadoras neste país... No meu tempo de sindicato, era proibido mulher ser soldadora. E mesmo nós, homens, era insalubre trabalhar. A gente se aposentava com 25 anos de idade, quando trabalhava com solda. Hoje, as mulheres estão ocupando esse espaço. E é exatamente na ocupação dos espaços – que permite que vocês não sejam mais consideradas uma mão de obra auxiliar, mas uma mão de obra prioritária e principal – que vocês precisam reivindicar mais salários e mais respeito no mundo do trabalho. Ou seja, vocês já não são mais vistas como se fossem uma peça auxiliar. Até porque, antigamente, a mulher trabalhava para auxiliar o marido dentro de casa. Hoje, mais da metade das mulheres que trabalham são chefes de famílias. São elas que cuidam dos seus filhos, são elas que têm responsabilidade de pagar o aluguel, são elas que educam, elas... e têm ainda dupla ou tripla jornada de trabalho.

Então, é importante que vocês discutam e façam com que o que vocês aprovarem aqui seja uma caixa de ressonância, não para vocês mesmos – terminar o Congresso, vocês pegarem as coisas que vocês aprovaram, guardar em uma gaveta e só for lembrar quando tiver outro congresso. Não. O Sindicato, esse sindicato aqui... O Marinho dizia agora há pouco para mim: “Tem dois companheiros que vieram aqui, quando pisaram aqui disseram: ‘a impressão que eu tenho é que eu estou pisando num solo sagrado’”. E esse auditório é um solo sagrado, porque tudo o que acontece neste país, desde 1978, passa pelas discussões nessa categoria e nesse espaço aqui.

Então, eu queria pedir ao companheiro Nobre que, ao terminar esse congresso, utilize o seu lado feminino – para poder ter mais sensibilidade, obviamente – e faça com que outras categorias de mulheres pelo mundo inteiro saibam o que foi aprovado aqui; que a nossa ministra Nilcéa receba o resultado desse congresso, para que a gente possa tentar transformar em lei coisas que



vocês aprovaram aqui nesse congresso; e que vocês passem a transformar o resultado desse congresso em uma plataforma de luta e de conquista dessas categorias.

Se as mulheres de São Bernardo do Campo e do ABC tiverem a mesma garra que os homens tiveram – e eu sei que vocês têm mais, porque eu estava daqui de cima olhando o segurança, viu, general, olhando o segurança. E eu estava vendo como é fácil fazer segurança quando tem homem: é só dar uma cotovelada aqui, uma cotovelada ali. Mas nenhum segurança tem coragem de dar cotovelada na mulher, nenhum. Nenhum tem coragem. Eu vejo, ali, o medo deles. É um “toque-toque” para não mexer com mulher. Se fosse homem, já tinha uns três presos aí. Mulher não.

Então, vocês têm que aproveitar. Primeiro, parem com essa bobagem de acreditar que o homem é que vai dar espaço para vocês. Vocês sabem que, dentro das casas de vocês, se vocês não brigarem, não terão espaço. Não terão espaço. Não existe essa de ficar esperando o marido evoluir para ele permitir que vocês ocupem espaço. No tempo em que televisão não tinha controle remoto, sempre quem levantava para mudar de canal era a mulher. Eu posso até pegar alguém de testemunha aqui. Eu não vou pegar, mas era verdade. Agora, com controle remoto, fica todo mundo sentado. Mas ainda assim, se não for a novela... ainda assim o homem tem predominância no filme, Maurício. Se é jogo de futebol, então, coitadas das mulheres: ou tem duas televisões, ou ele vai arrumar um jeito de ver o jogo dele. Então, eu acho que isso acabou. Hoje, as mulheres... se o cara não quiser ver o que ela quer ver, ela empurra ele do sofá. O Feijózinho está cansado de cair do sofá, o Feijó está cansado.

Então, eu acho que vocês... vocês podem, vocês podem mudar um pouco a cara deste país. Isso não é impossível, não. A diferença entre vocês e a luta do passado, era que vocês... vocês não estão fazendo apenas uma guerra de gênero. Não é – me desculpa, aqui, Nilcéa e companheira Dilma –



aquele feminismo da década de 70, onde parecia mais um enfrentamento com o homem do que uma briga de defesa com os interesses da mulher. Eu acho que hoje, embora vocês mantenham a visão feminista, a questão de gênero, hoje vocês têm uma coisa mais nobre: como vocês estão ocupando muito o mercado de trabalho, vocês têm que fazer a pauta de reivindicação de vocês evoluir tanto ou mais do que os homens já conquistaram.

E uma coisa sagrada, meus companheiros, é que aqui, neste sindicato, companheiro Edinho, neste sindicato aqui, a média de salário das mulheres é de R\$ 2.300,00. É maior... É menor do que a do homem daqui, é 30% menor do que a do homem que trabalha aqui. Presta atenção, Nilcéa, para você fazer discurso pelo mundo afora: a média salarial das mulheres do ABC, deste sindicato, é 30% menor do que a do homem ainda, com toda evolução. Mas a média das mulheres do ABC é 37% acima dos homens de outras categorias espalhadas pelo Brasil, sobretudo na área metalúrgica. Significa que aqui, no ABC, as mulheres já ganham mais do que a média dos homens no Brasil inteiro. E isso é resultado de luta deste sindicato, isso não foi nenhuma bondade empresarial, nenhuma bondade governamental. Isso aqui é tradição de luta deste sindicato.

Portanto, Nobre, além de te dar os parabéns, dar os parabéns à coordenação do nosso Congresso, eu queria dizer: eu espero que daqui a dois ou três anos a gente tenha outro congresso, para essa pauta de reivindicação não ficar velha e superada.

Um abraço. Boa sorte, bom congresso. E está aberto o 2º Congresso das Mulheres Metalúrgicas do ABC.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
